



## ATAS

# I CONGRESSO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

### COORDENAÇÃO

MARIA FERNANDA ROLLO (IHC)

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO (CEIS20)

ANA PAULA PIRES (IHC)

JOÃO PAULO AVELÁS NUNES (CEIS20)



### ORGANIZAÇÃO

Rede de História  
Contemporânea

Instituto de História Contemporânea  
da Universidade Nova de Lisboa –  
IHC

Centro de  
Estudos Interdisciplinares  
do Século XX da Universidade  
de Coimbra - CEIS20

### COORDENAÇÃO GERAL DA OBRA

Maria Fernanda Rollo

### Ficha técnica

Revisão e Design:

Cristina Luísa Sizifredo

ISBN: 978-989-98388-0-2

### “Vocês ocupam e a lei há-de vir”. Poder militar na revolução portuguesa (1974-1975)

Maria Inácia Rezola

Instituto de História Contemporânea – FCSH-UNL  
Escola Superior de Comunicação Social – IPL

*“Não devem estar à espera que legalmente saia  
um decreto a dizer que vocês podem ocupar.*

*Vocês ocupam e a lei há-de vir”<sup>362</sup>.*

Estas palavras proferidas por Luís Banazol, oficial do Regimento de Polícia Militar e destacado membro do MFA, em meados de 1975, perante uma delegação de ocupantes da herdade Torre Bela, é apenas um dos múltiplos exemplos de que nos podemos socorrer para exemplificar a complexidade da intervenção poder militar na revolução portuguesa.

O episódio tem um amplo significado, transcendendo largamente o caso específico em que se inscreve. Desde logo porque deixa patente um movimento, protagonizado por trabalhadores agrícolas, ativistas políticos e militares que sonham com a revolução camponesa. Expressão de uma sociedade que acha possível tomar o destino nas suas mãos, este processo não se circunscrever ao mundo rural, atingindo cidades, fábricas, escritórios, através das mais variadas expressões: manifestações, greves, saneamentos, ocupações, criação de comissões de moradores e de trabalhadores, experiências autogestionárias, etc.

As dimensões e características da mobilização social a que se assiste em Portugal, em 1974-1975, dão conta que o fenómeno não se limita a ser um reflexo ou resultado da decompressão social e política desses momentos. Como o demonstram os trabalhos de Boaventura de Sousa Santos, Fátima Patriarca, C. Downs, Durán Muñoz e Diego Palacios<sup>364</sup>, determinante neste processo foi a fragilidade do Estado e a sua inação coerciva. A pulverização de centros de poder, a luta institucional e a crise do Estado a que se assiste vão criar as condições propícias para a emergência, desenvolvimento e consolidação dos movimentos populares.

<sup>362</sup> HARLAN, Thomas. (2004), *Torre Bela*. Coleção 25 de Abril 30 anos O Público vol. 6. Lisboa, Público [DVD].

<sup>364</sup> Cf. Bibliografia final.